

O belicismo de Sir Keir Starmer, o trabalhista



Por JOSÉ LUÍS FIORI*

Sir Keir Starmer já conseguiu superar o chanceler alemão Olaf Scholz como a liderança mais belicista dentro da Europa, em relação à escalada da Guerra na Ucrânia

Desde a 75º Reunião Anual da OTAN, realizada no mês de julho na cidade de Washington, o novo primeiro-ministro inglês, o Sir Keir Starmer já conseguiu superar o chanceler alemão Olaf Scholz como a liderança mais belicista dentro da Europa, em relação à escalada da Guerra na Ucrânia. É o novo primeiro-ministro inglês quem lidera hoje a posição dos governos europeus que apoiam o uso de armas de longo-alcance para realizar ataques profundos contra o território russo, apostando que o presidente Vladimir Putin estaria blefando quando diz que neste caso dará uma resposta atômica contra os principais países da OTAN, a começar pela própria Inglaterra. E é ele também quem vem tentando convencer o presidente Joe Biden a aceitar o uso das armas americanas neste ataque coletivo. Muitos consideram que o Sir Starmer seria uma aberração dentro de uma tradição social-democrata que teria sido sempre “pacifista”. Mas isto não é verdade, a história europeia dos Séculos XX e XXI desmente categoricamente esta convicção. Senão vejamos:

Logo após a Primeira Guerra, os social-democratas participaram de vários governos de coalizão na Dinamarca, na Alemanha e na Suécia, entre outros, e os próprios partidos socialistas participaram de governos de Frente Popular Antifascista, na França e Espanha, durante a década de 30. Em nenhum desses casos, os social-democratas e os trabalhistas europeus tiveram algum tipo de política externa própria. Nenhum desses partidos ou governos tomou uma posição clara de condenação da intervenção militar das grandes potências ocidentais na guerra civil russa, no início da década de 20; nem tampouco tiveram uma posição unânime contra a intervenção militar dos fascistas italianos e dos nazistas alemães na Guerra Civil Espanhola, na segunda metade da década de 30. E mesmo depois da Segunda Guerra Mundial, os social-democratas e trabalhistas europeus não conseguiram formular uma política externa comum e consensual frente ao desafio das novas guerras que se sucederam a partir daí, por três razões fundamentais: em primeiro lugar, porque foram galvanizados pelo início da Guerra Fria, e pela política americana de contenção permanente da URSS que esteve na origem da criação da OTAN; em segundo, porque depois da formação da “Aliança Atlântica” e da criação da OTAN, a Europa foi transformada na prática num protetorado atômico dos Estados Unidos; e por fim, porque esse protetorado assumiu a forma de uma ocupação militar direta, no caso da Alemanha Federal, sede histórica do principal partido social-democrata europeu. Estes três fatores deixaram pouquíssimo espaço para o exercício de uma política externa autônoma por parte dos Estados europeus, em particular no caso dos governos social-democratas que se submeteram, na maior parte do tempo, aos desígnios da chamada “Aliança Atlântica” liderada pelos Estados Unidos, e apoiaram incondicionalmente a formação da OTAN, adotando muitas vezes uma posição cúmplice com seus Estados nacionais frente às guerras de independência de suas colônias na África e na Ásia.

Os social-democratas e os trabalhistas europeus não estiveram presentes nem apoiaram o projeto inicial de formação da Comunidade Econômica Europeia, que foi concebido e liderado pelos conservadores e democrata-cristãos na década de 50, e só contou com o apoio dos social-democratas e dos trabalhistas muito mais tarde, já na década de 70. Além disto, esta parte da esquerda europeia apoiou, com algumas exceções honrosas, quase todas as guerras americanas ao redor do

a terra é redonda

mundo, começando pela Guerra da Coreia, submetendo-se ao argumento de George Kennan sobre a “natureza expansiva” e ameaçadora dos russos. Mesmo quando a guerra fosse muito longe da Europa, como no caso da Guerra do Vietnã, que também foi definida pelos norte-americanos como uma guerra de “ contenção” do expansionismo comunista na Indochina. Neste caso, a única grande exceção foi a da social-democracia sueca, que se opôs sempre à guerra, ao lado de vários grupos de ativistas e militantes de esquerda em vários países da Europa cuja mobilização cresceu de importância com o passar do tempo e o avanço da resistência dentro dos próprios Estados Unidos.

Mas não há dúvida de que a grande surpresa nesta história um tanto repetitiva foi o comportamento dos social-democratas europeus depois do fim da União Soviética e da Guerra Fria, em 1991. Apesar de não haver mais a necessidade de “conter” o expansionismo comunista, a maior parte da social-democracia e dos trabalhistas europeus seguiu apoiando os Estados Unidos e a OTAN nas suas “guerras humanitárias” da década de 90, incluindo o bombardeio aéreo da Iugoslávia, em 1999, durante 74 dias seguidos, responsável pela morte de centenas de civis e destruição quase completa da infraestrutura e da economia iugoslavas. E depois, já no século XXI, com raras exceções, os social-democratas europeus seguiram apoiando as guerras norte-americanas e da OTAN no Afeganistão, no Iraque, na Síria, na Líbia e no Iêmen. Mais do que isto, no caso do Iraque, em 2003, foi o governo trabalhista inglês de Tony Blair que liderou, junto com os Estados Unidos, o bombardeio aéreo, a invasão terrestre e a destruição daquele país, com mais de 150 mil mortos, sem que tenha sido apresentada nenhuma “causa justa” ou motivo legítimo para este ataque devastador feito à revelia do Conselho de Segurança das Nações Unidas. No entanto, deve-se destacar, neste caso, a oposição ao ataque anglo-americano por parte do governo social-democrata alemão de Gerhard Schröder.

Quase todos os demais social-democratas e trabalhistas mantiveram seu apoio às sucessivas guerras dos Estados Unidos e da OTAN, travadas em nome do combate ao “terrorismo”, mas concentradamente contra o “mundo islâmico” do Oriente Médio, do Norte da África e da Ásia Central. Guerras que deixaram atrás de si um rastro de milhões de mortos, feridos e refugiados que depois foram barrados ou expelidos do próprio território europeu. Nesse tempo, alguns trabalhistas e social-democratas mais idealistas acreditaram que as “guerras humanitárias” dos anos 90 seriam o preço a pagar por um novo mundo pacífico e sem fronteiras, como nos sonhos dos primeiros socialistas e comunistas europeus do século XIX. Mas no caso da chamada “guerra global ao terrorismo” declarada pelos Estados Unidos, o que se viu foi uma esquerda europeia social-democrata e trabalhista inteiramente desfibrada e submetida aos interesses estratégicos dos Estados Unidos e da OTAN.

Resumindo o argumento, hoje se pode afirmar, depois de quase um século e meio de história, que os social-democratas e os trabalhistas sempre repetiram um discurso de defesa da paz, do pacifismo e dos direitos humanos, mas sempre apoiaram e praticaram diretamente políticas belicistas, mantendo através do Século XX e XXI uma posição de confronto e belicosidade constante contra a Rússia, qualquer que fosse o seu governo. Não surpreende, portanto, que sejam, os social-democratas alemães, e o primeiro-ministro trabalhista inglês, de forma muito particular que hoje se encontram à frente das posições mais agressivas de ataque profundo ao território russo, mesmo sabendo que representará o início inevitável de uma guerra atômica.

Por isso se pode dizer que Sir Keir Starmer, o trabalhista, é de fato, o novo “homem bomba” das potências ocidentais, mas ele tem as “costas quentes” por conta de uma longa história da própria Inglaterra que o respaldam. Afinal foram os ingleses que definiram a Rússia como seu principal inimigo, depois do Congresso de Viena, em 1815, e foram os ingleses que lideraram a invasão do território russo depois da Primeira Guerra Mundial. E uma vez mais, foram os ingleses que falaram pela primeira vez em “cortina de ferro” e deram o pontapé inicial da Guerra Fria, e foram uma vez mais os ingleses que interromperam as negociações de paz que estavam em curso na cidade de Istambul, em março de 2022, entre os russos e os ucranianos. E agora de novo, são os ingleses que estão empurrando a Europa e o mundo para uma guerra atômica com a Rússia, apostando que os russos não responderão com armas nucleares. Enquanto isto a humanidade assiste estarrecida esta aposta absolutamente arrogante e insensata de um Sir da Coroa Britânica disposto a incinerar a cidade de Londres em nome da preservação do poder militar global anglo-saxônico.

***José Luís Fiori** é professor emérito da UFRJ. Autor, entre outros livros, de *O poder global e a nova geopolítica das nações*

a terra é redonda

(Boitempo) [<https://amzn.to/3RgUPN3>]

Publicado originalmente no Boletim de Conjuntura nº. 7 do *Observatório Internacional do Século XXI* – NUBEIA/UFRJ.

A Terra é Redonda existe graças aos nossos leitores e apoiadores.

Ajude-nos a manter esta ideia.

[CONTRIBUA](#)

A Terra é Redonda